

REVISTA DE  
**HISTÓRIA**  
DAS IDEIAS



A GUERRA

VOLUME 30, 2009

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

### **A CAVALARIA ROMANA, ENTRE O ALTO E O BAIXO-IMPÉRIO**

O uso da cavalaria pelos exércitos romanos não tem sido objecto de estudos aprofundados. O papel principal da infantaria legionária, em qualquer das suas formas (alto ou baixo-imperial), tem dominado os estudos como dominou, ao longo de quase toda a História de Roma, os campos de batalha. Aliás, as fontes de que dispomos sobre o uso da cavalaria são muito parcas em informações detalhadas sobre esta arma. Daí que, regra geral, as obras dedicadas ao estudo dos cavaleiros nos descrevam sobretudo o armamento (defensivo e ofensivo) e a sua evolução, assim como a evolução de alguns acessórios de montar. Este trabalho não pretende mais do que colocar algumas questões que terão que ser resolvidas com uma análise mais detalhada das fontes, e questionar a razão, não explícita nelas, de algumas derrotas e de muitas vitórias.

É aceite, sem contestação, que a parte mais fraca do exército legionário romano dos primeiros tempos era a cavalaria\* <sup>(1)</sup>. Um grupo pequeno acompanhava o fulcro do exército, a infantaria, protegendo-lhe os flancos. O seu papel seria o de evitar o envolvimento da formação em linha, e o de perseguir o inimigo quando posto em fuga. Segundo Políbio, cada legião

\* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Coordenador da Linha de Investigação em Segurança e Defesa do Centro de História da Universidade de Lisboa.

<sup>(1)</sup> Ver, por todos, Adrian Goldsworth, *The Complete Roman Army*, 2003.

teria, no séc. II a.C, um total de trezentos cavaleiros, distribuídos por dez *turmae* de trinta, a que teremos, ou não, de somar os dez decuriões, o que está longe de ser consensual. A maior parte dos cavaleiros seria fornecida, não por Roma, mas pelos seus aliados. Entre os *auxilia*, o número de cavaleiros triplicava. Era essa a verdadeira cavalaria dos exércitos consulares, até Mário, remetendo-se a cavalaria legionária a missões de transmissão de mensagens e de batedores, e instalando-se sobretudo na ala esquerda da formação de combate, por via de regra a mais fraca.

Não especularemos sobre a razão pela qual os Romanos não foram bons cavaleiros, apesar de terem possuído cavalaria desde as primeiras formações conhecidas. Provavelmente, a influência etrusca, influenciada pelo modo grego de fazer a guerra, essencialmente em falange, não terá permitido um desenvolvimento da arma de cavalaria. Isto, apesar de alguns exemplos de boa cavalaria, como a das colónias helénicas da Magna Grécia, especialmente Tarento. Ou talvez porque, nos primeiros tempos, os inimigos de Roma não contassem com uma cavalaria poderosa, apoiando-se, sobretudo, na força da sua infantaria de linha.

As reformas de Mário (c. 107 a.C.), se de importância capital para a construção do novo exército romano, responsável não só pela expansão territorial mas igualmente pela sua manutenção durante séculos, não atribuiu um papel relevante à cavalaria. Aliás, segundo as informações que nos são transmitidas, a sua importância até terá sido menor.

É com César que a cavalaria é pensada para actuar, não em apoio da infantaria, mas em conjugação com essa mesma infantaria. A falta de cavaleiros no exército legionário romano, pelo menos de cavaleiros bem treinados, leva César, aquando da conquista da Gália<sup>(2)</sup>, a ter que recorrer a contingentes germanos (e também ibéricos) de mercenários<sup>(3)</sup>. É usando a sua cavalaria que César consegue transformar uma quase derrota, em Alésia (52 a.C.), numa vitória que colocou um ponto final às pretensões gaulesas de oposição à conquista romana. Lembremo-nos de que César tinha que resolver um sério problema, que era o ataque

<sup>(2)</sup> Muitos grupos gauleses compunham excelentes corpos de cavaleiros, e já o tinham demonstrado quando integrados nos exércitos de Aníbal, por exemplo.

<sup>(3)</sup> Não consideramos os Iberos como mercenários, já que estavam incluídos no espaço romano.

simultâneo a uma zona, ainda não totalmente construída, da fortificação que envolvia o *oppidum* de Alésia, por parte de Vercingetorix, vindo do interior, e dos reforços que tentavam libertar a praça, pelo exterior. César manda que a sua cavalaria circunde as colinas e ataque a força de socorro pela retaguarda, fazendo-os acreditar que se tratava da vanguarda de um novo exército romano que se estava a aproximar. Mas o número de cavaleiros nos exércitos de César nunca foi muito grande. Em Farsália (48 a.C.), teve que se confrontar com um contingente mais numeroso nos exércitos de Pompeu. Não analisaremos aqui a utilização das *alæ* nessa batalha, o que será objecto de uma pequena nota mais abaixo.

Esta introdução teve como objectivo fazer notar que as reformas introduzidas, pouco depois, por Octávio, tinham já uma base anterior.

Com a subida ao poder de Augusto e o início do Principado (27 a.C.), o antigo exército romano vai sofrer algumas profundas reformas. As mais importantes dizem respeito aos *auxilia*, que se transformaram em unidades profissionalizadas. São elas, ainda, que fornecem a maior parte da cavalaria, muito embora as unidades de cavalaria legionária não tenham desaparecido. Mas esta arma conhecia agora uma certa autonomia, organizada em dois tipos de unidades: as *alæ quingentariae* (compostas por dezasseis *turmae*) e as *alæ miliariae* (com vinte e quatro *turmae*), comandadas por *præfecti alarum*.

Esta autonomização demonstra não só que continuava em vigor a doutrina de César de conjugação das várias armas, mas também que à cavalaria começavam a ser dadas funções tácticas específicas, e não apenas a tarefa tradicional de proteger os flancos do dispositivo de infantaria organizado em linha, e tentar o envolvimento. Vai também responder, certamente, a necessidades sentidas ao nível operacional, embora possamos questionar essas razões. Oposição a um inimigo com forte contingente de cavalaria? Necessidade de deslocar rapidamente alguns destacamentos ao longo das fronteiras para acorrer à entrada de pequenos bandos? Maior facilidade de combate nas regiões germânicas, mais florestadas e pantanosas, onde era difícil dispor a infantaria pesada em ordem de batalha, em linha, e onde o inimigo se podia movimentar com mais rapidez do que os pesados legionários? Notemos que a destruição das três legiões de Varo (9 d.C.) se deveu não só ao ataque surpresa dos Germanos mas ainda à incapacidade de dispor as tropas em linha. O infante romano lutava em grupos compactos e solidários,

treinados em conjunto, e não de uma forma individual. Os escudos, lado a lado, formavam uma muralha, que avançava contra o inimigo protegendo de forma eficaz o legionário. E a *testudo*, quando empregue, requeria uma profundidade de coluna que só podia ser eficaz com espaço suficiente.

Augusto concebeu um sistema de defesa das fronteiras do Império movendo para estas zonas a maior parte das legiões. Nesta fase, em que se atingiu o cume do poder militar romano<sup>(4)</sup> <sup>5</sup>, este dispositivo era suficiente para desencorajar qualquer tentativa de entrada no espaço da *romanitas* por parte de grupos germanos. A destruição das legiões de Varo por Arminio, entre o Reno e o Elba, não teve como consequência a entrada de grupos de bárbaros. Na realidade, Roma tinha sofrido uma derrota. Mas Arminio conhecia bem o poder do Império.

No reinado de Tibério (14-37), os Romanos tornaram a entrar na Germânia. Já não com a ideia de conquistar território, mas numa atitude de defesa agressiva e de reafirmar, perante esses povos, o seu poder militar.

Essas campanhas são-nos relatadas sobretudo por Tácito, nos seus *Anais*<sup>(5)</sup>. Não nos vamos deter na sua análise, mas vale a pena referir que, ainda que a descrição do autor romano possa ser passiva de contestação em alguns pontos<sup>(6)</sup>, temos a clara indicação do uso autónomo da cavalaria, e por vezes do seu emprego como arma principal. Por exemplo, referindo-se ao ataque levado a cabo no ano 15, por Germânico, contra os Queruscos<sup>(7)</sup>, Tácito escreve:

"[...] César inquietou-se. Para impedir que todo o peso da guerra recaísse sobre um só ponto, e com o intuito de dividir as forças do inimigo, enviou Cecina em direcção ao [rio] Sem, através do país dos Bructeros,

(4) "Les mondes romano-grec et chinois développent la même vision d'un empire qui, parce que parvenu à sa maturité et à sa pleine occupation de l'espace qui lui était destiné, se garde désormais de toute visée expansioniste" (Jean-Louis Mourgues, "Rome et Chine: le partage du monde", *L'Histoire*, n° 218, Fevereiro de 1998, p. 25). Não obstante, os Romanos irão ainda ocupar, embora por breve período, a região da Dácia, a oriente do Danúbio.

(5) Utilizamos a tradução de H. Bornecque (Paris, Garnier, 1965).

(6) Sobretudo por parte de Hans Delbrück, *History of the Art of War*, vol. II, "The Barbarian Invasions", 1990 (esp. no cap. VII).

(7) Ou Cheruscos.

com quarenta coortes romanas. O prefeito Pedo conduziu a cavalaria através dos confins da Frísia: o próprio Germânico embarcou, nos lagos, com quatro legiões; e cedo a infantaria, a cavalaria e a frota se encontraram no rio combinado para lugar de reunião" (I, 59).

Esta divisão do exército em três grupos (legiões, infantaria auxiliar e cavalaria) teve como objectivo, como assinala o Autor, confundir as tropas inimigas, que ignorariam assim o lugar de reunião e do início do ataque. Podendo, cada uma destas forças, ser atacada a qualquer altura, é óbvio que cada uma teria, por si só, a possibilidade de repelir os contingentes adversos. Não é de aceitar que o envio da cavalaria pelo norte tivesse como motivo a impossibilidade de atravessar o rio no lugar escolhido por Germânico para o atravessamento das outras tropas. Pela simples razão de que o lugar por onde as *alæ* atravessaram o Reno para entrar em território dos germanos era mais largo e, logo, mais difícil, pelo que tiveram também de utilizar os meios navais.

O uso dos cavaleiros como força de ataque primária é-nos referido em várias passagens, reforçando a ideia de que era a arma essencial em determinado tipo de terrenos. Tácito refere, ainda descrevendo a campanha acima mencionada, um episódio desse tipo:

"Entretanto, Arminio penetrou em zonas impraticáveis<sup>(8)</sup>. Germânico perseguiu-o e, logo que pôde estabelecer contacto, ordenou à sua cavalaria que carregasse e retirasse aos bárbaros uma planície que estes ocupavam" (I, 63).

A posse desse lugar plano era de importância vital, já que só ali poderia o chefe romano dispor as suas tropas em linha. O ataque da cavalaria apenas foi parado porque os germanos tinham escondido tropas nos bosques, atacando essa força pelos flancos, o que provocou a sua fuga, arrastando nela as coortes que avançavam para as apoiar. Vê-se aqui que a infantaria tomava o tradicional lugar da cavalaria, como força de apoio, e a cavalaria substituí-a infantaria como força de ataque<sup>(9)</sup>.

<sup>(8)</sup> Para o uso da infantaria pesada legionária.

<sup>(9)</sup> Na batalha de Farsália, César colocou algumas coortes obliquamente na retaguarda da sua ala direita, como suporte da cavalaria. Mas essa opção resultou de uma escolha táctica, já que Pompeu tinha um contingente de cavaleiros mais

A dificuldade de desempenho da infantaria nestas regiões é-nos descrita a seguir (I, 63 e 64):

"Cecina conduziu o seu próprio exército; e ainda que voltasse por caminhos conhecidos, Germânico aconselhou-o a passar, o mais rapidamente possível, as Pontes Longas. Chama-se assim a uma calçada estreita, construída anteriormente por L. Domício, entre vastos pântanos. De ambos os lados apenas se encontra uma argila lodosa, uma lama espessa... (os Germanos atacam quando parte das tropas romanas tentavam reparar algumas pontes destruídas pelo tempo). Tudo se conjugava contra os Romanos, um lodo espesso e escorregadio onde não se podia estar imóvel<sup>(10)</sup> nem [se podia] avançar sem escorregar, o peso das suas couraças, a dificuldade em lançar o *pilum* no meio das águas. Os Queruscos, pelo contrário, tinham por eles o hábito de combater nos pântanos...".

Quanto à cavalaria, Germânico tinha ordenado que parte dela passasse o Reno seguindo a linha de costa. A outra parte foi conservada para proteger as legiões romanas se atacadas pelos Germanos.

Este episódio, e outros relatados em anos seguintes, mostram que a cavalaria, nestes anos do Principado, tanto podia ser usada como força de apoio e protecção de flanco, em situações tradicionais de combate e frente a inimigos que se apoiavam essencialmente na infantaria\* <sup>(11)</sup>, como enquanto força principal de ataque, quando o teatro de operações assim o impunha. O apego de Varo à forma tradicional, em território não conforme, tinha custado caro aos Romanos.

Se o sistema de defesa da fronteira criada por Augusto se mostrou, de início, eficaz, desde o reinado de Marco Aurélio (161-180) que se começou a verificar a ineficiência desse dispositivo, sobretudo na fronteira reno-danubiana. Os Germanos, por várias razões (desde o aumento demográfico à degradação de condições ambientais ou mesmo à cobiça pura), atravessavam o *limes* cada vez com mais atrevimento,

numeroso, e César sabia que os seus seriam postos em fuga. A ideia era apanhar as forças de Pompeu pelo flanco, já que estas não conseguiam ver as coortes, escondidas atrás da linha principal, uopara formar a linha legionária.

<sup>(11)</sup>E, tendo chegado aos "confins", essas grandes batalhas tradicionais travavam-se essencialmente entre concorrentes ao Poder em Roma.

e o próprio imperador viu-se forçado a inúmeras campanhas e a viver praticamente longe de Roma.

Mas foi só com Septímio Severo (193-211) que a doutrina militar romana se modificou, no que diz respeito à defesa do *limes*. Este imperador vai criar uma reserva móvel central, mas ainda de pequenas dimensões: uma legião especialmente formada e uma guarda pretoriana completamente reformada. Contudo, teremos que esperar por um imperador do período das convulsões, Galieno (260-268), para assistirmos a uma remodelação mais profunda do exército romano. Discute-se se este imperador terá sido o introdutor dos corpos independentes de cavalaria na estrutura do exército<sup>(12)</sup>. Provavelmente, as *alae* que acompanhavam as legiões não desapareceram totalmente, mas é possível que a presença de grupos germânicos, portadores de uma técnica de cavalaria pesada, seja como elementos aceites no interior das fronteiras, seja forçando-as como tropas invasoras, tenha definitivamente convencido os militares romanos da importância dessa arma, não só contra os Germanos mas também, e cada vez mais, contra os inimigos para lá das suas fronteiras do Próximo Oriente: os Partos e, depois, os Persas.

Nesta época são criadas as verdadeiras unidades tácticas de cavalaria pesada, as *vexillationes*. Usamos aqui o designativo "cavalaria pesada" já que estas unidades foram concebidas para atacar formações inimigas usando a lança e, num segundo tempo, a *spatha*, mais longa do que o gládio, e de duplo fio. Mais tarde, e sob a influência dos Persas e de outros grupos indo-iranianos, os Romanos adoptaram a cavalaria fortemente couraçada, sob a forma de "catafractários" e de "clibanários". Isso não quer dizer que este tipo de tropas não fosse já conhecido, e por vezes empregue, mas em muito menor escala. Quanto, por exemplo, aos clibanários sármatas, já tinham sido empregues no ano 69 d.C., por Vespasiano. Mas esses cavaleiros eram de origem oriental, e só com Aureliano, depois das campanhas de 275, começaram a ser usados com maior regularidade. Contudo, temos que esperar por Constâncio II para ver o seu emprego generalizado, sobretudo a partir de 350.

(12) A utilização da cavalaria como arma táctica, em conjugação com as outras armas, que verificámos para o início do Principado, não deve ser confundida com um corpo independente. "Autonomia" apenas quer significar que não é uma força secundária, usada apenas para as tradicionais missões de protecção dos flancos e de perseguição do inimigo em fuga.

De qualquer forma, estes cavaleiros pesados parecem não ter sido muito usados no Ocidente do Império, ao contrário do que acontecia na sua parte oriental.

Voltemos às reformas de Galieno. Se este imperador não criou esses destacamentos de cavalaria independentes, foi certamente ele quem lhes deu maior emprego tático, e favoreceu o arranque de uma profunda reforma. Mas só depois da batalha de Adrianopla (378) essas reformas se irão revestir da sua forma final.

Ainda com Galieno, estas unidades foram reforçadas com cavalaria ligeira recrutada na Ilíria (*equites dalmatae*), e mesmo no Norte de África (*equites mauri*). Por vezes, eram-lhes agregados alguns cavaleiros mais fortemente armados, os chamados *equites scutati*. Estas novas unidades, que continuavam a receber o designativo de *vexillatio*, eram por vezes designadas por *equites illyriciani*, dada a origem da maior parte dos seus efectivos. O número de cavaleiros em cada uma destas *vexillationes* parece ter sido de cerca de quinhentos efectivos, embora este tenha sido um "número ideal", que não era geralmente atingido. Contudo, e embora algumas vezes tal tenha sido defendido, não nos parece que possamos comparar estes destacamentos às *quingentariae*, essas unidades de cavalaria de elite pertencentes às tropas auxiliares alto-imperiais. Do mesmo modo, apenas poderemos considerar estes grupos como "reservas" se, por esta designação, considerarmos todas as unidades que não estavam destacadas na defesa directa das fronteiras. Pelo contrário, estes grupos de cavaleiros constituíam aquilo a que hoje poderíamos chamar "forças de intervenção rápida" o que, de certo modo, nos poderia levar a colocar a hipótese de a criação das chamadas tropas *comitatenses* por Diocleciano não ter partido de uma estruturação proposta de raiz pelo próprio imperador, mas assentar as suas bases nestas reformas de Galieno.

Com Diocleciano (284-305) e Constantino (306/324-337), iremos assistir a novas mudanças na estrutura militar romana. O primeiro destes imperadores propõe-se reeditar o sistema defensivo anterior aos Severos, deslocando boa parte das legiões, novamente, para as fronteiras do Império. Mas reforça igualmente os destacamentos móveis de retaguarda e as *vexillationes* para que, mais facilmente, possam acudir aos locais onde o *limes* tenha sido quebrado. Para isso, vai adoptar duas medidas essenciais: aumenta o número de soldados e cria uma distinção entre as tropas estacionadas nos *limites*, de menor qualidade,

os chamados *limitanei*, e os exércitos móveis de campanha, uma reserva estrategicamente colocada, os *comitatenses*. O número total de soldados chegaria perto dos 500 mil<sup>(13)</sup>, num processo de recrutamento obrigatório e adscrição ao serviço militar de filhos de militares, criando uma continuidade da profissão paterna. Isso acarretou, como seria natural, uma menor qualidade das unidades assim constituídas, não só pela falta de treino regular, especialmente entre os *limitanei*, mas igualmente pela impossibilidade de assegurar uma conjugação entre quantidade e qualidade do armamento distribuído às várias unidades. O crescente número de unidades torna também impossível o nível de logística que tinha sido um dos factores de eficácia da máquina militar romana. Daí que os *comitatenses* tenham constituído o grupo melhor armado e treinado, com o decorrer dos anos.

Se estas primeiras e importantes modificações se poderão atribuir a Diocleciano<sup>(14)</sup>, já uma outra reforma, também fundamental, não suscita a unanimidade dos historiadores quanto à sua paternidade: a reestruturação das legiões no que diz respeito ao número dos seus efectivos. Parece-me mais plausível atribuir a Constantino a fixação do número de legionários em 1000 por legião, em vez dos 4500 a 6000, como acontecia anteriormente. É certo que Constantino terá institucionalizado, nesta reorganização, uma prática habitual no exército romano,

<sup>(13)</sup>Alguns autores precisam que o seu número era de 435 mil homens, subindo para 600 mil cerca do ano 430, para a totalidade do Império (Geoffrey Parker, ed., *Warfare*, 2000, p. 64), mas pensamos que o número total é impossível de ser calculado.

<sup>(14)</sup>Tendo-nos chegado as notícias através de várias fontes, algumas delas muito tardias, torna-se difícil atribuir a introdução de um sistema tático ou criação de determinado tipo de unidades a um momento determinado, ou mesmo a um certo imperador. Como escreve Adrian Goldsworthy (*ob. cit.*, p. 202): 'The development of this system cannot now be traced with any certainty. In some aspects it was foreshadowed by earlier developments, such as Septimius Severus' creation of a force based around the foot and horse guard and *Legio II Parthica* - in total equivalent to a strong provincial army - just outside Rome at the end of the 2nd century, or Galienus' formation of a powerful army, including especially strong cavalry forces, at Milan in the middle of the 3rd century. Important stages in the process appear to have occurred in the reigns of Dioclecian and Constantine, although the details remain obscure'.

e que era o desmembramento das antigas legiões, enviando coortes para missões específicas.

Esta reforma no número de efectivos fez-se sobretudo sentir nas tropas *comitatenses*, aquelas que se queriam mais móveis, capazes de acorrer a qualquer parte do Império para travar eventuais invasores. Mesmo os exércitos reunidos para atacar um determinado inimigo não deveriam ser muito grandes, já que isso exigiria um grande serviço de logística, e lentidão na reunião dos efectivos, entre outros inconvenientes. Flávio Vegécio explica-nos, no seu *De re militari*, as vantagens das pequenas unidades e dos pequenos exércitos:

"Chamamos exército a um certo número de legiões e de tropas auxiliares, infantes e cavaleiros, cuja reunião tem por fim expedições militares. Os mestres da Arte defendem que este número seja limitado. Reflectindo acerca das derrotas de Xerxes, Dario, Mitridades e outros reis, que tinham nos seus exércitos povos inteiros, vê-se à evidência que estes prodigiosos exércitos sucumbiram menos ao valor dos seus inimigos do que à enorme massa de gente que a compunha. Com efeito, um exército demasiado numeroso expõe-se a muitos inconvenientes: a sua marcha torna-se mais lenta, e sendo as suas colunas demasiado longas, podem ser fustigadas e incomodadas pelo inimigo, mesmo que este disponha de muito poucos homens. Quando é necessário ir por caminhos difíceis, ou passar cursos de água, as bagagens, pela lentidão da sua deslocação, expõem-se a frequentes surpresas".<sup>(15)</sup>

Mas deixemos de lado a infantaria, e concentremo-nos na evolução da cavalaria.

Esta arma vai também ser reorganizada para fazer frente aos cavaleiros de alguns dos povos germânicos, no Ocidente, e dos Persas, a Oriente. Cria-se um cavaleiro que tem como função carregar sobre o exército inimigo usando a lança como arma principal. Daí o reforço das suas defesas corporais, sobretudo porque, enquanto manejava a lança, segura com as duas mãos, não podia usar o escudo para se defender. Por isso, quando tinha escudo, este era pequeno e redondo, muitas vezes preso ao ombro esquerdo, à semelhança de alguns povos das estepes.<sup>15</sup>

<sup>(15)</sup> Tradução a partir dos fragmentos escolhidos, publicados por Gérard Chaliand, *Anthologie Mondiale de la Stratégie*, 1993, p. 183.

Aparecem também os arqueiros montados, sejam os pertencentes à cavalaria pesada, os *clibanarii*<sup>(16)</sup>, de influencia sárмата ou palmiriana, sejam aqueles que pertenciam à cavalaria ligeira. A diferença estava em que estes últimos tentavam não entrar em contacto com o inimigo, fustigando-o de longe, enquanto que os primeiros, embora armados primariamente com o arco, levavam também uma espada e, por vezes, também uma lança. Geralmente, e na sequência de Lynn White, aponta-se o desconhecimento do uso do estribo como um ponto fraco no desempenho da cavalaria pesada, ou da cavalaria antiga, em geral. Mas o facto é que essa ausência não parece ter influenciado o desempenho destes cavaleiros, que carregavam sobre formações de infantaria, disparavam o arco a galope e manejavam a *spatha* desferindo golpes à esquerda e à direita. Ainda no que diz respeito ao equilíbrio em cima da montada, recordemos a adopção, pela máquina militar romana, da "sela de cornos"<sup>(17)</sup>, de origem gaulesa<sup>16 17 (18)</sup>.

Mas não foi apenas a composição e organização dos vários tipos de armas que marcou a mudança no exército baixo-imperial. Também as doutrinas tácticas e estratégicas foram revistas, tendo em conta novos inimigos que tinham agora pela frente, ou antigos adversários que tinham igualmente evoluído. Contudo, há que fazer aqui uma chamada de atenção: se a divisão formal em duas metades, juridicamente independentes, teve lugar com Teodósio, nos finais do século IV, já pelo menos desde Diocleciano que se percebeu a especificidade dessas duas metades. Não só os inimigos que se apresentavam eram diferentes nas suas tácticas militares, como também as fontes de recrutamento romanas eram diversas. Por estas razões (e outras, menos importantes) pensamos ser um erro analisar o exército romano dos finais do Império como um todo. Enquanto que no Oriente os exércitos com que se defrontavam os Romanos tinham como arma central a cavalaria, no Ocidente, pelo menos

<sup>(16)</sup> Não é sempre clara, tanto nos autores antigos quanto nos estudos actuais, a distinção entre *clibanarii* e *cataphractarii*. Sobre estes cavaleiros, ver Pedro Gomes Barbosa, "O Exército romano no Baixo-império: o fim da infantaria pesada?", 2006, pjp. 161-175.

<sup>(17)</sup> À falta de equivalência em português, adoptamos a tradução literal do inglês "horned saddle".

<sup>(18)</sup> Não foi esta a única influência gaulesa na arte da guerra. Recordemos, apenas, o uso da cota de malha (*lorica hamata*) e do escudo oblongo com *spina*.

no início das grandes migrações, a maior parte dos povos germânicos eram essencialmente constituídos por infantaria. Na realidade, só com a chegada dos Godos, especialmente Ostrogodos, e, um pouco mais tarde, dos Hunos, a metade ocidental da romanidade se defrontou com verdadeiros exércitos (pelo menos maioritariamente) compostos por cavaleiros.

Por esse motivo, não é de estranhar que a utilização de catafractários e de clibanários, assim como da cavalaria pesada de origem germânica, tenha sido feita preferencialmente no Oriente, enquanto que no Ocidente a arma mais importante continuava a ser a infantaria pesada. Isso não significa que a cavalaria não aumentasse o seu peso nos campos de batalha ocidentais, especialmente aquela que era composta por federados germânicos. Por outro lado, alguma eventual debilidade sentida pelas legiões em combate era sobretudo devida às deficiências nos sistemas de comando e controlo.

A disposição da infantaria no campo de batalha já não obedecia ao tradicional esquema da colocação dos manípulos em xadrez, e no tradicional sistema do *triplex acies*<sup>(19)</sup> mas sim à disposição em falange. A razão é simples: o papel dos infantes era agora mais defensivo, deixando, especialmente no Oriente, o papel mais ofensivo à cavalaria colocada nas alas. Só quebrado o ímpeto do ataque inimigo é que os infantes tomavam uma atitude ofensiva. Isto não significa que o papel da infantaria fosse exclusivamente passivo. Na realidade, em vários momentos o exército romano, através dos seus soldados apeados, retomava a sua anterior doutrina de agressividade e de iniciativa no campo de batalha. Mais ligeiramente armados do que o antigo legionário, podiam ser mais rápida e facilmente posicionados frente ao inimigo.

Um dos problemas que tem dividido os historiadores é o do papel das várias armas neste final do Mundo Antigo. Terá a infantaria sido transformada em mera defensora dos lugares fortificados e, nos campos de batalha, em núcleo estático que servia de cortina atrás da qual se reorganizava a cavalaria? Pensamos que esta questão não tem uma única resposta. Muita dessa escolha dependeu não só da doutrina defendida <sup>19</sup>

<sup>(19)</sup>Para a descrição dessa formação, que não cabe aqui discutir, pode ver-se, por todos, Adrian Goldsworthy, *ob. cit.*, p. 46 ss., e também Nick Sekunda e Angus McBride, *Republican Roman Army 200-104 BC*, 3ª reimpressão, Londres, 1999, pp. 18-21.

por cada general, mas igualmente do terreno em que se travavam as batalhas e do inimigo que tinham pela frente. Só a análise de alguns confrontos ocorridos nos séculos IV e V poderá, porventura, trazer uma resposta a esta questão.

Na batalha de Mursa<sup>(20)</sup>, os lanceiros desmontaram e combateram a pé, juntamente com a infantaria. Aliás, parte importante da cavalaria romana, que não, por razões óbvias, os *cataphractarii* e os *clibanarii*, estava treinada para ser multifuncional, desmontando para actuar como piqueiros, em grupos próprios ou integrados no corpo de infantaria, para de seguida montar rapidamente quando fosse chegado o momento de atacar como cavalaria.

Um segundo momento pode ser encontrado, poucos anos mais tarde (357), na batalha de Estrasburgo<sup>(21)</sup>, entre as tropas romanas comandadas por Juliano, o Apóstata, e um vasto grupo de invasores Alamanos. O relato desse confronto chegou-nos por duas fontes: Amiano Marcelino e Libânio, amigo do Imperador. Vejamos as ordens de batalha dos dois exércitos:

Os Alamanos dispuseram a sua infantaria na ala direita, enquanto a cavalaria, que tinha misturada alguma infantaria, para explorar uma eventual vitória, ocupava a parte esquerda do dispositivo. Para dificultar a tarefa dos Romanos, os Germanos teriam construído obstáculos em frente da sua linha de infantaria<sup>(22)</sup>. O exército imperial optou pela disposição "em espelho", isto é, colocando a sua infantaria na ala esquerda, em frente à infantaria alana, e a cavalaria na ala direita. No primeiro embate, a cavalaria romana cedeu e fugiu, enquanto que a infantaria se aguentou. A tradição diz-nos que Juliano conseguiu inverter esta fuga após uma arenga aos cavaleiros, mas Delbrück pensa, e a nosso ver bem, que não é possível impedir cavaleiros em fuga, a menos que estes tivessem encontrado, nessa mesma fuga, a reserva, composta pelos *Cornuti* e *Bracciati* que o Imperador tinha lançado na batalha para socorrer

(20) Xravada em 351 entre as forças de Constâncio II e as do usurpador Maxêncio (cf. Geoffrey Parker, ed., *Warfare*, 2000, p. 66; John Laffin, *Diccionario de Batallas*, s. 1., 2001, p. 380).

(21) A melhor análise desta batalha, deve-se, a nosso ver, a Hans Delbrück, *ob. cit.*, pp. 261-268.

(22) Ou esconderam-se por detrás de obstáculos naturais, consoante os relatos de Amiano ou de Libânio.

a infantaria, entretanto atacada de flanco pelos cavaleiros alamanos. Na realidade, o próprio Amiano Marcelino nos indica que Juliano tinha estas duas unidades de reserva, que não só resolveram a contenda a favor dos Romanos como obrigaram a cavalaria a reentrar no combate.

Duas outras batalhas mostram que a infantaria seria ainda a arma mais sólida do sistema militar romano.

Naquela batalha travada em Adrianopla, em 378, a cavalaria romana, disposta nas alas, não consegue resistir ao ataque dos cavaleiros godos, recém-chegados ao campo de batalha. A da ala direita, por ter sido logo posta em fuga. A da ala esquerda, por se ter atrasado e temer ser apanhada em pinça. Só a infantaria resiste, pé firme, até que, completamente cercada, é dizimada<sup>(23)</sup>.

Finalmente, a Batalha dos Campos Cataláunicos, ou de Châlons-sur-Marne, travada no norte da actual França, em 451. Aqui, é mais uma vez a infantaria romana, apoiada pela cavalaria goda, que vence um exército que tinha no seu centro a temível - e até então invencível - cavalaria de Átila.

Para concluir:

A cavalaria, como unidade agressiva e de rompimento das linhas inimigas, é essencialmente uma arma adoptada no Império Romano após o seu confronto com algumas populações germânicas e indo-iranianas que tinham entrado em contacto, por vezes violentamente, com os povos das estepes euro-asiáticas. Não só servia para contrabalançar o peso dos cavaleiros inimigos como era a arma fundamental para acorrer com rapidez aos locais ameaçados pelos bandos de "bárbaros" que tinham rompido o *limes*. E, antes disso, tal como foi referido, podia ser empregue como arma principal quando as condições do terreno não permitiam a disposição em linha do infante pesado, que apenas era efectivo se posicionado em linhas, com alguma profundidade. Se os cavaleiros pesados, de origem oriental, foram utilizados, especialmente contra os Persas e outros povos da fronteira mesopotâmica, a infantaria jogou sempre, nessas guerras no Próximo Oriente, um papel decisivo.

<sup>(23)</sup> Mas temos que referir, para sermos correctos, que as unidades de cavalaria presentes na batalha estavam em inferioridade numérica (já que Valente resolveu não aguardar pela chegada das forças da parte ocidental).

## **Bibliografia**

### **1. Fontes**

- AMIANO MARCELINO, *Res Gestae*, <http://www.thelatinlibrary.com/ammianus.html>
- CÉSAR, *Guerre des Gaules*, Paris, 1961.
- CHALIAND, Gérard (ed.), *Anthologie Mondiale de la Stratégie*, Paris, Robert Laffont, 1990.
- TÁCITO, *Histoires*, Paris, 1963.
- TÁCITO, *Annales*, Paris, Flammarion, 1965.
- VEGÉCIO, *Tratado de Ciência Militar*, Lisboa, Ed. Sílabo, 2006.

### **2. Estudos**

- ANGLIM, Simon *et al.*, *Fighting Technics of the Ancient World*, Londres, Greenhill Books, 2002.
- BARBOSA, Pedro Gomes, "O Exército Romano no Baixo-império: o Fim da Infantaria Pesada?", in *A Guerra na Antiguidade*, coord. de A. Ramos dos Santos e J. Varandas, Lisboa, Caleidoscópio, 2006 (pp. 161-175).
- BARBOSA, Pedro Gomes, "Os Bárbaros às Portas do Império. Aspectos do Fazer-a-guerra Germânico", in *A Guerra na Antiguidade*, vol. II, coord. de A. Ramos dos Santos e J. Varandas, Lisboa, Caleidoscópio, 2008 (pp. 239-255).
- COWAN, Ross, *Roman Battle Tactics*, Londres, Osprey, 2007.
- DELBRÜCK, Hans, *History of the Art of War*, vol. II, Lincoln e Londres, University of Nebraska Press, 1990.
- FIELDS, Nick, *Roman Auxiliary Cavalryman*, Londres, Osprey, 2006.
- GILLIVER, Kate, *Caesar's Gallic Wars*, Londres, Osprey, 2002.
- GOLDSWORTHY, Adrian, *The Complete Roman Army*, Londres, Thames and Hudson, 2003.
- GOLDSWORTHY, Adrian, *Generais Romanos*, Lisboa, A Esfera dos Livras, 2007.
- HARMAND, Jacques, *La Guerra Antigua, de Sumer a Roma*, Madrid, EDAF, 1976.
- LAFFIN, John, *Diccionario de Batallas*, s.l., Salvat, 2001.
- LAINING, Jennifer, *Warriors of the Dark Ages*, Thrupp, Sutton Pub., 2000.
- MACDOWALL, Simon, *Late Roman Cavalryman*, Londres, Osprey, 1995.

- MUSSET, Lucien, *Las Invasiones. Las Oleadas Germânicas*, Barcelona, Ed. Labor, 1ª reimpr. da 2ª ed., 1982.
- NICOLLE, David, *Romano-Byzantine Armies. 4<sup>th</sup>-9<sup>th</sup> Centuries*, Londres, Osprey, 1992.
- PARKER, Geoffrey (ed.), *Warfare*, 2ª ed., Cambridge, Cambridge University Press, 2000.
- QUESADASANZ, Fernando, *Armas de Grecia y Roma*, Madrid, La Esfera de los Libros, 2008.
- RAAFLAUB, Kurt (ed.), *War and Society in the Ancient and Medieval Worlds*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1999.
- RÉMONDON, Roger, *La Crise de l'Empire Romain*, Paris, P. U. F., 1970.
- SIMKINS, Michael, *The Roman Army from Hadrian to Constantine*, 15ª reimpr., Londres, Osprey, 1993.
- SOUZA, Philip de (ed.), *The Ancient World at War*, Londres, Thames and Hudson, 2008.
- WARRY, John, *Warfare in the Classical World*, Londres, Salamander, 1980.